



***“QUEBRANDO O GELO”: UTILIZAÇÃO DA CAIXA DE PERGUNTAS NA EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR DESCRITA POR UMA PESQUISA PARTICIPANTE***

***“ROMPIENDO EL HIELO”: USO DEL CUADRO DE PREGUNTAS EN LA EDUCACIÓN SEXUAL ESCOLAR DESCRITO POR LA INVESTIGACIÓN PARTICIPANTE***

***“BREAKING THE ICE”: USE OF THE QUESTION BOX IN SCHOOL SEXUAL EDUCATION DESCRIBED BY PARTICIPATING RESEARCH***

Lucas Aparecido Vizentim <sup>1</sup>

Débora Raquel da Costa Milani <sup>2</sup>

**RESUMO**

Abordar Educação Sexual no ambiente escolar pode causar temor e insegurança em professoras e professores, pelos mais diversos motivos. O tema, no entanto, é de inquestionável importância para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, inclusive sua abordagem, direta e indireta, faz parte do rol de habilidades a serem desenvolvidas na Educação Básica, conforme propõe a Base Nacional Comum Curricular. A utilização de técnicas eficientes e adequadas à idade e ao nível de desenvolvimento em que alunas e alunos se encontram é imprescindível para o sucesso na abordagem do tema. Utilizando a pesquisa participante como instrumento metodológico de investigação qualitativa, este trabalho descreve detalhes de uma prática pedagógica e propõe aos profissionais da educação uma alternativa no desenvolvimento do tema, a medida que observou-se sua interferência positiva no envolvimento e integração das alunas e alunos com os temas abordados, na apropriação de conceitos e na construção do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Sexual. Metodologia de Ensino. Educação Básica.

1 Mestrando em Educação Sexual – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP – Araraquara/SP – Brasil.

2 Doutora em Educação Escolar – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP – Mestrado em Educação Sexual – Araraquara/SP – Brasil.



## RESUMEN

Abordar la educación sexual en la escuela puede causar miedo e inseguridad en los maestros por diferentes razones. El tema, de indudable importancia para el pleno desarrollo de los individuos, tiene su enfoque, directo e indirecto, en la lista de habilidades que se desarrollarán en Educación Básica, según lo propuesto por la Base Curricular Nacional Común. El uso de técnicas eficientes apropiadas para la edad y el nivel de desarrollo en el que se encuentran los estudiantes es esencial para tener éxito al abordar el tema. Utilizando la investigación participativa como instrumento metodológico para la investigación cualitativa, este trabajo describe detalles de una práctica pedagógica y propone a los profesionales de la educación una alternativa en el desarrollo del tema, como su interferencia positiva en la participación e integración de los estudiantes con Los temas tratados, la apropiación de conceptos y la construcción del conocimiento.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación Sexual. Metodología de la Enseñanza. Educación Básica.

## ABSTRACT

Addressing Sex Education at school can cause fear and insecurity in teachers for different reasons. The theme, of unquestionable importance for the full development of individuals, has its approach, direct and indirect, in the list of skills to be developed in Basic Education, as proposed by the National Curricular Common Base. The use of efficient techniques appropriate to the age and the level of development in which students find themselves is essential for success in addressing the theme. Using participatory research as a methodological instrument for qualitative research, this work describes details of a pedagogical practice and proposes to education professionals an alternative in the development of the theme, as it was observed its positive interference in the involvement and integration of students with the topics covered, the appropriation of concepts and the construction of knowledge.

**KEYWORDS:** Sexual Education. Teaching Methodology. Basic Education.

\*\*\*

## Introdução

Falar de sexo nunca foi tão contraditório. Ao mesmo passo em que somos bombardeados(as) o tempo todo pelos mais diversos tipos de apelos sexuais presentes na mídia, na moda e nos círculos sociais, verificamos uma onda conservadora que se opõe a falar abertamente sobre o tema. O objetivo deste trabalho não é o de quantificar fatos ou qualificar situações que levaram e levam a essa situação, mas, sim, o de colocar em pauta um tema de inquestionável importância, que é a aprendizagem em sexualidade no ambiente escolar, aqui denominada Educação Sexual Escolar, unificando os conceitos de Educação Sexual formal e informal que se dão nesse espaço. Conforme expõe Figueiró (2006), a Educação Sexual no ambiente escolar pode ocorrer de maneira

formal, quando prevista e sistematizada no planejamento docente, ou informal, quando a temática surge espontaneamente e pode ser utilizada por professoras e professores como gatilho para exploração do tema.

A Educação Sexual sempre foi alvo de críticas e discussões em maior ou menor escala em nosso país, havendo momentos mais favoráveis ao seu desenvolvimento e outros, em que foi abertamente perseguida (RIBEIRO, 2004). Entre os próprios professores há contradições sobre a abordagem da mesma, pois, ao mesmo passo que muitos descrevem maneiras de evitar a abordagem desse assunto em sala de aula, outros buscam cada vez mais informações sobre o tema, ampliando seus horizontes e apropriando-se das mais diversas possibilidades para seu desenvolvimento (FIGUEIRÓ, 2006).

As representações que professoras e professores têm sobre sexualidade interferem em suas práticas pedagógicas de Educação Sexual (BRANZATO; GRANT, 2000) e, conseqüentemente, na forma com que concebem o currículo e direcionam esforços para o desenvolvimento dos temas ali presentes. Relacionando currículo e práticas pedagógicas, Fierro (2004, p. 209), considera que “a educação se define concretamente pelo currículo, que é o conjunto de experiências potencialmente educativas que a escola oferece, ou, em outras palavras, o conjunto das oportunidades de aprender dos alunos”. Assim, percebemos que professoras e professores são a ponte entre o que se encontra no currículo e o que é de fato oportunizado em sala de aula.

Não obstante suas representações próprias sobre sexualidade, devemos considerar, também, que docentes devem se balizar por meio dos documentos norteadores e das legislações educacionais específicas, que abarcam diretrizes, regulamentos e direitos e de aprendizagem. Diversas são as obrigatoriedades e possibilidades transformadoras da educação, inclusive, algumas delas, definidas nestes instrumentos legais. A exemplo disso, verifiquemos o que cita a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Artigo 1º, quando define que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa [...]” (BRASIL, 1996). Nesse mesmo instrumento legal, hoje cita-se o documento norteador de todos os currículos em âmbito nacional, que é a BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

A BNCC descreve os conteúdos obrigatórios que os currículos nacionais, estaduais e municipais de Educação Básica devem contemplar em todo território nacional, tornando-se um norte para o desenvolvimento dos mesmos. Este documento

traz diversos Objetos de Conhecimento, expressados pelo desenvolvimento de Habilidades. Na leitura e compreensão profunda das habilidades, podemos encontrar os processos cognitivos a serem desenvolvidos, os conteúdos a serem abordados e os contextos em que devem ser explorados (BRASIL, 2017).

Diversas habilidades contemplam direta ou indiretamente a exploração de temas relacionados à sexualidade humana, principalmente os concentrados nas habilidades do oitavo ano, contidas na Unidade de Conhecimento Vida e Evolução (BRASIL, 2017).

Dessa maneira, trazer a temática para a sala de aula deixa de ser uma opção e torna-se um direito de aprendizagem do aluno. É evidente que a forma e a profundidade com que os temas serão explorados estão diretamente relacionados ao perfil dos professores que os conduzirão (FIGUEIRÓ, 2006). O docente, assim, tornar-se-á um elo fundamental na concretização das propostas contidas no currículo com o qual trabalha, tendo este sido orientado pela Base Nacional Comum Curricular.

Aqui, “o que” e “como” encontram-se de maneira desvelada, afinal, estar ciente do que se deve ensinar difere da forma como se deve ensinar.

Quando ensinamos, procuramos transmitir ao outro um conjunto de informações que, juntas, fazem sentido ao nosso entendimento, mas nem sempre o faz para aqueles que aprendem (OLIVEIRA, 2009). Dessa maneira, para que o processo educativo se dê de forma efetiva, é necessário que haja um canal de comunicação aberto entre professor(a) e aluno(a), no qual as trocas sejam constantes. Porém, tradicionalmente, a educação vem sendo encarada como um processo de reprodução mecânica, no qual o(a) docente seleciona conteúdos a serem disseminados e presume que o alunado seja plenamente capaz de absorvê-lo, colocando o educando em uma posição de passividade sobre o ato de aprender.

A metodologia meramente expositiva, além de pouco eficiente, insere o(a) aluno(a) num verdadeiro processo dogmático. Sob uma perspectiva mais moderna, eficiente e incentivada pelas autoridades contemporâneas de educação, a abordagem sociocultural insere o(a) aluno(a) como agente transformador de sua própria história, fazendo com que este(a) se torne protagonista no processo de aprender (SERRA, 2012). A aprendizagem pode se desenvolver em momentos de individualidade e de coletividade, ofertados pelo(a) professor(a), numa concepção de que “a sala de aula é um espaço dialético, pois, ao mesmo tempo em que aprender é um processo individual, na escola, ele ocorre na coletividade” (SERRA, 2012, p. 32).

Ofertar momentos de aprendizagem que envolva toda gama de alunos(as) sob seus cuidados e favoreça a construção do conhecimento, seja ou não sobre temas relacionados ao que propõe este trabalho, não é tarefa fácil. Assim, dispor de instrumentos de comprovada aplicabilidade e eficiência na condução das aulas, torna o agir do(a) professor(a) mais seguro e assertivo.

## Objetivos

O objetivo geral desse trabalho é demonstrar a eficiência da aplicação de uma prática aqui intitulada “Caixa de Perguntas”, para abordagem e exploração de temas relacionados à Educação Sexual possibilitando: a) fornecer aos presentes e futuros educadores uma alternativa para exploração do tema em sala de aula; b) demonstrar que ao tornar o aluno protagonista no processo de ensino a aprendizagem se dá de forma mais eficiente; c) trazer a prática da “Caixa de Perguntas” para o campo da descrição científica.

## Metodologia

A metodologia adotada na construção desse trabalho está pautada na observação participante, classificada, nessa situação, como uma participação moderada, subsidiando uma análise qualitativa dos dados coletados. Em seu trabalho, Silveira e Córdova (2009) definem que em uma pesquisa do tipo participante, é necessário envolvimento e identificação do(a) pesquisador(a) com o grupo, como a aplicação de determinações básicas em grupos de trabalho.

Para considerar-se um(a) observador(a) participante é necessário que o(a) pesquisador(a) apresente um grau de integração e convivência com o grupo investigado, participando da vida do mesmo. A participação é considerada moderada quando o(a) observador(a) intercala processos de participação e observação, oscilando entre ambos no desenvolver da pesquisa (MÓNICO *et al.*, 2007).

A escolha de tal metodologia deve-se ao fato de possibilitar uma investigação íntima, com a observação e coleta de dados sutis que, muitas vezes, passariam despercebidos a um(a) investigador(a) alheio(a) ao meio em que se desenvolveu a pesquisa, já que, partindo de tal metodologia, para que haja fidedignidade nos dados coletados, pressupõem-se que o(a) observador(a) participante tenha contato com o

grupo investigado, de maneira que sua presença e participação não intervenha no modo natural de agir de um dado grupo social.

Por minimizar a relação entre dirigentes e dirigidos, Gil (2002, p.56) nos indica que a pesquisa participante “[...] tem-se voltado sobretudo para a investigação junto a grupos desfavorecidos tais como os constituídos por operários, camponeses, índios, etc”. Nessa linha de raciocínio, podemos inserir também os grupos de alunos, afinal, as relações de dirigente e dirigidos(as) são observáveis em uma sala de aula e no espaço escolar como um todo.

Conforme postula Mónico *et al.* (2007), a observação participante nos permite captar informações e dados sobre eventos comuns, que dificilmente seriam captados por instrumentos como entrevistas e avaliações.

Enquanto pesquisa etnográfica, a observação participante pode ser exemplificada sob diferentes ópticas, como por exemplo uma verificação de processos educativos que analisem relações entre escola, professor(a), aluno(a) e sociedade. Para isso, dentre tantas possibilidades, permite uma ênfase no processo e não nos resultados finais (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

A partir dos dados obtidos na observação participante, fora realizada uma análise qualitativa da construção do conhecimento. A abordagem escolhida deve-se ao fato de permitir analisar em profundidade e intensidade (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) os conceitos adquiridos pelo grupo de alunas e alunos. Para Silveira e Córdova (2009, p. 31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social”, dadas as especificidades das pesquisas em ciências sociais e a necessidade de um olhar diferenciado sobre as mesmas.

Essa pesquisa foi realizada com alunos(as) do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública do município de Araraquara-SP, tendo como observador participante o professor titular da disciplina de Ciências, sendo este o pesquisador/autor do trabalho e um dos autores do presente artigo. O grupo analisado era composto por cinquenta e sete alunos, divididos em duas salas distintas, tendo entre 13 e 15 anos de idade. A aplicação da técnica proposta, foco central da observação participante, se deu durante a realização de uma sequência de aulas previamente programadas, que teve uma duração de 12 horas por turma, divididas em 4 semanas.

## **Desenvolvimento**

Inicialmente, cumpre-nos esclarecer que por diversos percalços do cotidiano escolar, os(as) alunos(as) envolvidos na prática aqui descrita não tiveram a oportunidade de acessar a temática Educação Sexual formal no oitavo ano escolar. Ciente da importância e do impacto que a temática tem sobre os(as) adolescentes, especialmente os(as) de áreas de extrema vulnerabilidade social como os que vivenciaram as experiências aqui descritas, o professor da disciplina de Ciências, mediante conhecimento e aprovação da gestão escolar, incluiu a temática em um momento específico de sua prática pedagógica.

Aqui, percebemos nuances que vão ao encontro de temas correlatos e descritos por outros pesquisadores acerca do ensino de sexualidade no ambiente escolar. Moizés e Bueno (2010), por exemplo, denotaram que o ensino de conteúdos de Educação Sexual, segundo a visão de professores de Ensino Fundamental, deve ficar principalmente a cargo dos professores de Ciências. Embora a temática possa ser incluída em qualquer área do conhecimento, podendo e devendo ser trabalhada de maneira transversal entre os componentes curriculares, ainda se observa esse padrão de inclusão nessa disciplina em específico.

## **Temas norteadores**

A sequência de temas norteadores utilizados fora a mesma para ambas as turmas, assim como a metodologia e os materiais didáticos utilizados pelo professor durante todo o processo. Na aplicação dessa pesquisa, consideramos temas norteadores os tópicos iniciais elencados pelo professor pesquisador participante, que serviram como orientação temática das sequências pedagógicas e como gatilho para cativar a curiosidade de alunas e alunos. Assim sendo, a função de cada tema norteador era a de organizar sequencialmente os conteúdos previamente elencados para exposição e diálogo, assim como a de abraçar e explorar temas que voluntariamente fossem inseridos pelos(as) alunos(as) durante toda a aplicação da prática pedagógica, incorporando novos assuntos a medida com que voluntariamente surgissem.

A sequência de temas norteadores fora baseada no que se encontra nos livros didáticos do Ensino Fundamental, abarcando: mudanças corporais e comportamentais na adolescência, sistema genital masculino, sistema genital feminino, ciclo menstrual,

gravidez, métodos contraceptivos e, finalmente, as IST's – Infecções Sexualmente Transmissíveis. Ao considerar os temas como norteadores e não limitadores de diálogo, o professor, que possui formação específica em Educação Sexual, pode inserir discussões um pouco mais aprofundadas sobre a temática, não baseadas apenas em aspectos biológicos do sexo, incluindo nos diálogos: conflitos de identidade, preconceitos e fobias sexuais, naturalidade ao se falar de sexo, cuidados de si e projetos futuros, ou projetos de vida.

Inserir o(a) aluno(a) como protagonista no processo de ensino-aprendizagem para o pleno desenvolvimento de habilidades, conforme prevê a BNCC (BRASIL, 2017) também é dar-lhe voz. Conforme previsto pelo professor, durante as sequências pedagógicas os diálogos foram evoluindo e, portanto, novas temáticas passaram a ser incorporadas aos temas norteadores, uma vez que dúvidas foram surgindo e as aulas não poderiam se limitar apenas aos tópicos previamente elencado.

Evidentemente, respeitar a idade e o nível de desenvolvimento dos alunos, principalmente ao se falar de sexualidade, é imprescindível, o que fora observado pelo professor durante toda prática pedagógica realizada.

### Método de ensino

Como a unidade escolar não dispunha de uma variedade de materiais didáticos e paradidáticos para abordar essa temática, o professor optou por aulas expositivas dialogadas, num formato de roda de conversa, sempre partindo de um dos temas norteadores para cada uma delas. Aulas expositivas dialogadas são propostas alternativas às tradicionais aulas unicamente expositivas em que apenas o professor fala e os(as) alunos(as) teoricamente absorvem os conteúdos expostos, tirando suas dúvidas ao final. Nesse formato, alunos e alunas participam ativamente da aula com suas opiniões e colocações, sendo estas respeitadas e consideradas, num clima de troca e cordialidade (ANASTASIOU; LOPES, 2009).

Dialogando sobre possibilidades de se abordar Educação Sexual no espaço escolar, Figueiró (2006) indica que uma boa aula expositiva dialogada se torna uma alternativa interessante, pois faz com que alunas e alunos se sintam parte do processo, contribuindo integralmente com aquele momento de aprendizado.

Para enriquecer as exposições, o professor utilizou algumas imagens disponíveis na escola, em cartazes, que representam os sistemas genitais e, também, um torso

humano, com peças anatômicas bastante simplificadas, porém adequadas ao uso naquele instante.

### **Ajustando os recursos ao perfil das turmas**

A abordagem dos temas fora realizada em duas turmas diferentes, sendo uma composta por 27 alunos, intitulada nesse estudo como Turma X e a outra composta por 30 alunos, aqui intitulada Turma Y. O desenvolvimento das aulas deu-se de forma concomitante, porém não houve intercâmbio de alunos(as) entre as salas, nem momentos em que se juntou as turmas, garantindo, assim, a seguridade sobre o sigilo dos temas a serem discutidos, uma preocupação presente nos dois grupos de alunos(as) participantes.

O professor informou que iniciaria a discussão de temas importantes e que, sempre que necessário, os(as) alunos(as) poderiam interrompê-lo para esclarecer possíveis dúvidas ou fazer suas colocações. Durante todas as aulas os(as) alunos(as) eram convidados(as) a expor o que já sabiam sobre o assunto, realizando comparações, resolvendo conflitos de informações, assim, estabelecendo-se um clima de cooperação entre os grupos. Para introduzir a temática em sala de aula, os(as) alunos(as) foram convidados a formarem um grande círculo, livres de seus materiais que não fossem para anotação, denotando que, naquele momento, a aula se daria por meio de um diálogo, e que não haveria um ponto central específico, mas que a atenção seria compartilhada com todos e todas.

### **A Caixa de Perguntas**

Buscando uma alternativa para ampliar a participação dos(as) estudantes, mesmo daqueles(as) mais tímidos(as) ou aparentemente desinteressados(as), os(as) alunos(as) da turma Y foram convidados(as) a escreverem possíveis dúvidas, colocações ou pedidos em pequenos pedaços de papel que, posteriormente, poderiam depositar em um recipiente fechado, o qual seria aberto apenas pelo professor e por ele apresentado à turma como uma caixa misteriosa. Foi esclarecido que não era necessário se identificar, para que a identidade da pessoa jamais fosse revelada. Conhecendo o perfil da turma e imaginando que muitos(as) teriam vergonha de depositar suas dúvidas diretamente no recipiente, os(as) alunos(as) tiveram como opção entregar os papéis para que os

representantes de sala, um aluno e uma aluna, fizessem o depósito. Os representantes eram alunos que transitavam por todos os grupos e apresentavam bom diálogo com a sala toda.

## Resultados

Tendo convivido por meses com as turmas em questão, o professor identificou que os(as) alunos(as) da Turma X eram mais integrados entre si e, também, mais desinibidos(as). Quando questionados(as) sempre expunham suas opiniões e, ao sentirem dúvidas, costumavam fazer seus questionamentos. É evidente que uma sala de aula nunca é totalmente homogênea, assim, mesmo identificando alunos(as) um pouco mais tímidos(as) e retraídos(as), o clima geral do ambiente acabava por integrar mesmo estes(as) colegas mais introspectivos(as).

O desenvolvimento das aulas entre a Turma X, deu-se conforme o previsto pelo professor. Houve boa adesão dos(as) alunos(as), os temas norteadores trazidos pelo professor para a aula em questão eram expostos, debatidos, algumas dúvidas eram colocadas e, vez ou outra, observava-se avanços no aprofundamento dos(as) alunos(as) sobre o tema, denotado em perguntas mais complexas, de aspecto técnico mais elevado. O resultado do ciclo de aulas com essa turma fora considerado satisfatório pelo professor, porém, sem grandes surpresas.

A Turma Y apresentava um comportamento diferente. Os(as) alunos(as) se agrupavam na sala de aula de uma forma bastante definida, como que em pequenos territórios. Poucos(as) eram os(as) que transitavam por todos eles e dialogavam com a sala toda. Durante o desenvolvimento de outros conteúdos apresentavam-se sempre mais distantes e comedidos(as), eram sempre os mesmos(as) alunos(as) que externavam dúvidas e levantavam questões. Buscando a participação efetiva de toda turma, o professor ao iniciar a primeira roda de conversa com esse grupo propôs a utilização do método alvo central deste trabalho: a caixa de perguntas. A primeira aula realizada com a Turma Y não fugiu muito ao que já era antes observado. Os(as) alunos(as) mostraram-se interessados(as) pela temática, mantiveram um clima tranquilo em sala, porém, poucas foram as devolutivas durante a interação proposta na exposição dialogada e raras foram as perguntas voluntariamente feitas.

Na segunda aula, ao adentrar a sala, o professor deparou-se com os dois representantes de sala segurando um pequeno fardo de papéis embolados. Entregaram

ao professor dizendo que aquelas eram algumas das dúvidas dos(as) alunos(as) para a Caixa Misteriosa e que, conforme os(as) colegas lhes haviam confessado, talvez outras dúvidas fossem entregues. O professor agradeceu a entrega, organizou a turma no formato proposto para as aulas, e, mais uma vez, reforçou que a Caixa de Perguntas estaria disponível durante todo o ciclo de aulas de Educação Sexual, e que, portanto, poderiam continuar depositando suas dúvidas. Para ter segurança sobre o conteúdo dos bilhetes, os mesmos não foram utilizados de imediato, assim, em seu horário de trabalho pedagógico, o professor analisou cada um deles e, utilizando absolutamente todos, os agrupou por afinidade com os temas norteadores .

Na terceira aula a ser desenvolvida com a Turma Y, o professor informou sobre a decisão tomada: as dúvidas foram organizadas para coincidirem com os temas norteadores e, as que fugiam diretamente aos temas, dariam origem a mais temas correlatos. E assim foi feito. A cada aula que se seguia, o professor pegava os “bilhetinhos” e, um a um, lia sua pergunta, questionava a sala sobre o tema do momento e aprofundava a discussão. Figueiró (2006) explicita que utilizar perguntas espontaneamente feitas pelos(as) alunos(as), seja em aulas específicas de educação sexual ou não, é uma grande possibilidade de explorar temas que, eventualmente, não surgiriam de forma programada, abrindo um grande leque de possibilidades que devem ser usadas com sabedoria pelo professor, tornando a aula mais rica e proveitosa.

No desenvolver dos diálogos, percebia-se o envolvimento da turma na atividade realizada que, dessa vez, não se restringia unicamente a prestar atenção. Os(as) alunos(as) passaram a participar mais ativamente daquele processo, inclusive, em alguns momentos, complementando oralmente perguntas que haviam sido feitas através dos bilhetinhos, durante a realização das aulas. Por mais uma vez os representantes de sala fizeram a entrega de novas dúvidas dos colegas ao professor por meio de bilhetes, mas, em todas as demais aulas, os(as) próprios(as) alunos(as), ao seu modo, começaram a fazer a entrega dos papéis diretamente ao professor. Alguns(as) durante a aula, pedindo para que não fosse lido no momento, outros(as), ao término da aula, garantindo que o professor só leria a dúvida ao sair da sala.

No total, foram 49 bilhetes entregues ao professor, agrupados didaticamente com os temas norteadores, conforme mencionado anteriormente. Cumpre-nos ressaltar que os temas norteadores também foram adequados/ampliados, para que se pudesse abranger as temáticas que foram surgindo. As dúvidas apresentadas iam desde perguntas bastante comuns, como inquietações sobre ciclo menstrual, até medos e inseguranças

quanto a própria orientação sexual e situações arriscadas nas quais haviam se envolvido. Para se ter ideia do quão abrangente foi a prática, uma das dúvidas fora entregue por uma aluna a pedido de sua mãe, que, ao dialogar com a filha sobre os conteúdos das aulas, expressou uma dúvida pedindo que o professor esclarecesse “se ela podia usar o mesmo anticoncepcional que a irmã, sem passar no médico”. O quadro a seguir apresenta mais exemplos das perguntas depositadas na caixa.

Quadro 1 – Organização didática dos questionamentos realizados voluntariamente por alunos, agrupados aos temas norteadores

Temas norteadores	Exemplos de perguntas inseridas na caixa
Mudanças corporais e comportamentais na adolescência / Naturalidade ao se falar de sexo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É normal sentir mais vontade de se masturbar?</li> <li>- Até que idade a gente cresce?</li> <li>- Por que tem homem com a voz fina?</li> <li>- O corpo muda quando a mulher começa a ter relação?</li> </ul>
Sistema genital masculino e sistema genital feminino	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual o tamanho normal do pênis?</li> <li>- Mulher também goza?</li> <li>- Onde fica ‘o negócio’ que sai quando perde a virgindade?</li> <li>- O que é fimose?</li> </ul>
Ciclo menstrual, gravidez e métodos contraceptivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Até que idade menstrua?</li> <li>- Por que acontece o aborto ‘sozinho’?</li> <li>- Se tirar o pênis antes de gozar a mulher engravida?</li> <li>- Homem que ‘corta o canal’ para de gozar?</li> </ul>
Infecções sexualmente transmissíveis	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Por que a gente tomou vacina de HPV?</li> <li>- Se transar só uma vez sem camisinha pode pegar doença?</li> <li>- Como sabe se tem alguma doença?</li> <li>- Se a mãe tiver AIDS a criança também tem?</li> </ul>
Orientação sexual e identidade de gênero / Conflitos de identidade e fobias sexuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Por que tem homem que se veste de mulher mas gosta de mulher?</li> <li>- O que é transexual?</li> <li>- Se o homem é gay ele se sente que nem mulher?</li> <li>- É normal ser bi?</li> </ul>
Cuidados de si e projetos de vida	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lésbica pode ter filho?</li> <li>- Qual a idade certa pra ter a primeira vez?</li> <li>- Por que a primeira vez dói?</li> <li>- Pode tomar hormônio?</li> </ul>

Fonte: autoria própria

Para encaixar todos os questionamentos apresentados nas aulas programadas para este fim, foi necessário que o professor fizesse alguns ajustes no tempo das explanações e, evidentemente, dispusesse mais 2 horas/aula para sua realização.

A variedade de perguntas que levou a exploração de uma grande quantidade de temas relevantes para os(as) adolescentes nos leva a refletir sobre o que cita Leão (2009) ao mencionar que na atualidade, a Educação Sexual nas escolas vem abarcando conteúdos que anteriormente não eram explorados, afinal, educar sexualmente em

épocas anteriores era considerada uma forma de apenas combater possíveis inconvenientes.

Conforme expõe Louro (1997), o interesse da criança e do adolescente pelo universo sexual independe de estímulos ou incentivos, pois está ligado aos sujeitos. Se nos atentarmos ao perfil Turma Y, descrito anteriormente, perceberemos a evolução que houve quanto ao envolvimento dos alunos na aula, sua participação e a efetividade no alcance das expectativas propostas pelo professor. Assim, podemos perceber que a prática da Caixa de Perguntas possibilitou a expressão de dúvidas e interesses que faziam parte do universo desses(as) alunos(as).

Para o professor, que ministra aulas há meses com a referida turma, o resultado foi satisfatório, inclusive, ressalta-se que a adesão permitiu que entre esse grupo fosse discutido temas diferenciados e mais aprofundados em comparação ao vivenciado durante o ciclo de aulas de Educação Sexual com a Turma X.

O posicionamento do professor vai ao encontro do exposto por Figueiró (2001), que indica a necessidade de se entender que é função da escola ensinar sobre sexualidade, e que essa atividade deve ser prazerosa, tornando o(a) professor(a) um(a) entusiasta da ação, não configurando esse ato de ensinar como a realização de uma mera obrigação.

É interessante, também, ressaltarmos a eficiência do método de ensino escolhido pelo professor. A abordagem de Educação Sexual através de aulas expositivas dialogadas mostrou-se eficiente. A temática, por si só, já se mostra sedutora à atenção dos(as) adolescentes, por tratar de temas pouco ou nada discutidos abertamente nas demais áreas de convivência dos mesmos, porém, incorporá-los em todo o processo tornou-se positivo, criando um clima organizado, respeitoso e participativo durante as aulas.

## **Conclusão**

Temas ainda difíceis de serem explorados no ambiente escolar, como a Educação Sexual, colocam-se como desafiadores para grande parte das professoras e dos professores. Seja pelas características da sala ou mesmo pelo ambiente em que se realiza o trabalho, a temática é mais facilmente desenvolvida quando encarada com naturalidade e ensinada com clareza. A utilização de ferramentas pedagógicas adequadas ao perfil das turmas pode se tornar bastante útil na construção de práticas

exitosas. A aula expositiva dialogada, no modelo Roda de Conversa, mostrou-se eficiente na realização do ciclo de aulas propostas pelo professor para as turmas estudadas neste trabalho. A utilização da técnica aqui intitulada como Caixa de Perguntas, apresentou-se como uma boa opção de integração da sala na discussão e desenvolvimento dos temas, enriquecendo os diálogos e ampliando os temas norteadores que haviam sido previamente programados. Sua utilização permitiu um avanço considerável do tema entre uma turma que anteriormente mostrava-se distante e pouco integrada. A ferramenta acabou por construir um elo de confiança e proximidade ainda maior entre os educandos e o educador. Aconselha-se a realização de uma ampliação das observações descritas por meio desta pesquisa participante, com explicações que caminhem pela área das teorias pedagógicas e dos fundamentos de psicologia educacional.

## Referências

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5 ed. Joenville/SC: Univille, 2009.

BANZATO, D. S. G.; GRANT, W. H. *Sexualidade em Sala de Aula: representações em entrevistas com professores*. Revista Estudos de Psicologia, PUC – Campinas, v. 17, p. 5-14, setembro/dezembro 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v17n1/01.pdf> (Acesso em 28/08/2018).

BRASIL. *LDB - Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm) (Acesso em 02/04/2019).

BRASIL. *BNCC – Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental*, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> (Acesso em 15/11/2018).

FIERRO, A. *Os alunos com deficiência mental*. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 194-214.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2001.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação sexual: como ensinar no espaço da escola*. Revista Linhas, v.7 n.1, UDESC, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132> (Acesso em 01/02/2020).

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- LEÃO, A. M. C. *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. Tese de Doutorado em Educação Escolar. Araraquara: Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, 2009.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Epu, 1986.
- MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. *Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino Fundamental*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v.44, n.1, p.205-212, 2010. Disponível em: <http://producao.usp.br/handle/BDPI/3132> (Acesso em 22/02/2020).
- MÓNICO, L. et al. *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa*. In: *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*. Volume 3, 2017. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/download/1447/1404/> (Acesso em 02/04/2019).
- OLIVEIRA, M. A. C. *Intervenção Psicopedagógica na Escola*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.
- RIBEIRO, P. R. M. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p 15-25.
- SERRA, D. C. G. *Teorias e Práticas da Psicopedagogia Institucional*. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. *Pesquisa Científica*. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Recebido em fevereiro de 2020.

Aprovado em junho de 2020.